

TEATRO NA PRISÃO COMO EDUCAÇÃO LIBERTADORA: DIÁLOGOS ENTRE A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE E A ESTÉTICA DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL

THEATER IN PRISON AS A RELEASING EDUCATION: DIALOGUES BETWEEN
THE PEDAGOGY OF PAULO FREIRE'S OPPRESSED AND THE AESTHETICS OF
AUGUST BOAL

LA DOCENCIA EN LAS PRÁCTICAS SUPERVISADAS II, DEL CURSO DE
EDUCACIÓN DE LA FACULTAD DE EDUCACIÓN DE LA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO AMAZONAS

Annie Martins¹

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Resumo

Este artigo traz reflexões sobre as vivências ocorridas nos presídios localizados em meio à floresta amazônica, km 08 da BR 174 (Manaus-Venezuela) durante o Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão, iniciado em 2015 e atuante até o presente momento. A base da pesquisa-ação fundamenta-se na *Pedagogia do Oprimido e da Autonomia, e Educação como Prática Libertadora* de Paulo Freire, bem como a *Estética do Oprimido* de Augusto Boal, revelando contradições existentes entre opressores e oprimidos no processo de conflitos e motivação à autonomia, identidade e legitimidade, por meio da linguagem teatral e do constante diálogo com todos os envolvidos nas penitenciárias de Manaus. A pergunta norteadora é: É possível ser livre na prisão? É possível a Educação Libertadora? A experiência revela que processos sensíveis podem ser motivados com muita potência pelo Teatro do Oprimido, mas dependem de outros fatores relacionados à estrutura e organização prisional.

Palavras-chave: Educação Libertadora; Estética do Oprimido; Pedagogia do Oprimido; Teatro na Prisão.

Abstract

This article reflects on the experiences that occurred in the prisons located in the middle of the Amazon forest, km 08 of BR 174 (Manaus-Venezuela) during the *Arbitration Project: Theater in*

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, na linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação; Mestre em Letras e Artes (UEA-AM), Especialista em Comunicação, Política e Imagem (UFPR-PR), Graduada em Licenciatura em Teatro (UNESPAR-PR) e em Comunicação Social – Relações Públicas (UFPR-PR). É Professora do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas e coordenadora do Projeto de Extensão: Arbítrio – Teatro na Prisão (UEA-AM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2372-3346>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9765347717584748>. E-mail: amafonso@uea.edu.br.

Prison, which started in 2015 and is active until the present moment. The basis of the research is based on Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed, Hope and Autonomy, as well as Augusto Boal's Aesthetics of the Oppressed, revealing existing contradictions between oppressors and oppressed in the process of conflict and motivation for autonomy, identity and legitimacy. , through theatrical language and constant dialogue with all those involved in the Manaus prisons. The guiding question among many is: Is it possible to be free in prison? Experience shows that sensitive processes can be highly motivated but depend on other factors related to prison structure and organization.

Keywords: Liberating Education; Aesthetics of the Oppressed; Pedagogy of the Oppressed; Prison Theater.

Resumen

Las reflexiones sobre la Práctica Supervisada II, presentadas aquí, tienen como objetivo contribuir a la formación del profesorado en los primeros años de la escuela primaria, especialmente en el tema del dominio de la docencia en el proceso educativo. Esta viene a ser una síntesis de los resultados de los estudios e investigaciones realizadas para la construcción de la tesis doctoral, sustentada en el Programa de Posgrado en Educación de la Facultad de Educación de la Universidade Federal do Amazonas. Fue realizada a través de un estudio de caso y, los elementos que sustentan el trabajo se obtuvieron a través de una investigación teórica, documental y empírica, realizada con entrevistas a cinco grupos de participantes involucrados en el proceso de pasantía: coordinación, docentes orientadores, supervisores, supervisores de prácticas, practicantes y egresados. El análisis cualitativo de los datos, realizado a partir de las categorías: organización, desarrollo y resultado, indicó que La Práctica Curricular Supervisada II, al finalizar la carrera de Licenciatura en Pedagogía en 2016, no calificó, es decir, no preparó al estudiante para ejercer la docencia en los primeros años de la enseñanza primaria.

Palabras clave: Docencia; Práctica Supervisada; Formación de Profesores; Curso de Pedagogía.

INTRODUÇÃO

Cedo ou tarde acordamos. Cedo ou tarde desaliamos, desmecanizamos, o corpo e a mente pela dor ou pelo amor, na liberdade ou na prisão. Cedo ou tarde assimilamos processos de autoconhecimento e consciência do nosso eu-histórico. Muitas vezes, esse processo somente ocorre quando estamos oprimidos, e de tanto sermos oprimidos, cansamos, e finalmente iniciamos as buscas, as perguntas. Podemos até acostumar com o sofrimento, mas estaremos sempre negando-o, por ser inerente ao ser humano, processos sensíveis de libertação.

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, Paulo. P.41, 2014)



As obras *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática Libertadora e da Autonomia* de Paulo Freire e a *Estética do Oprimido* de Augusto Boal, o primeiro voltado intensamente a refletir os processos de ensino-aprendizagem, defendendo uma educação libertadora, e o segundo, apontando técnicas de libertação pela linguagem teatral, que desperta dentro e fora, que dialoga e encena, e na encenação “eu me vejo, vejo o outro e tenho empatia”, ambos versam sobre a característica dialógica e potente dos processos de autonomia do ser humano, para que este possa sair de qualquer situação de opressão e viver em coletividades.

Neste cenário teórico e praticado intensamente pro Freire e Boal, é que esta pesquisa se fundamenta para falar de liberdade na Prisão. A prisão é um local físico onde indivíduos que não obedeceram a determinados padrões de comportamento, ferindo ou machucando o outro ou um coletivo, ficam isoladas, sem o direito de ir e vir dentro de um contexto social. A prisão aqui é tomada como exemplo e relato de experiência para reflexões sobre a pedagogia e a estética do oprimido, para que possamos repensar a escola e como ela se interliga à prisão. A escola que prepara ou não para processos de autonomia e a importância de uma educação libertadora. Será a ‘educação bancária’ a responsável por tantas limitações que nos levam as prisões, sejam físicas ou intelectuais?

Para Freire (2014) a educação bancária provém do banco de dados depositados no indivíduo educando pelo educador, o qual dispensa o diálogo, ou finge estabelecer conexão. Dessa forma, a passividade remete à alienação, isto é, a ausência de questionamentos sobre determinada opressão internalizada, ou a ignorância proposital, proveniente do medo do conhecimento e processos de libertação.

A liberdade pode causar medo e dor, pois para chegarmos até ela, é necessário, pensar, refletir, autoconhecer-se, se expor, questionar a realidade, esmiuçar situações, conquistar aliados e aliadas. Daí a importância da pedagogia e da estética do oprimido, feita pelo oprimido e para o oprimido.

A bancária (educação), por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora (a educação), comprometida com a libertação, sem empenha na desmistificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade. A primeira “assistencializa”; a segunda, critica (FREIRE, Paulo. p.101, 2014).

Esta pesquisa traz reflexões sobre processos de autonomia pela Educação Libertadora de Paulo Freire e a Estética do Oprimido de Augusto Boal, nos presídios do



Estado do Amazonas, pelo Projeto de Extensão do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, intitulado *Arbítrio: Teatro na Prisão*.

O projeto atua desde 2015 nas unidades de regime fechado e provisório, masculina e feminina, localizadas em meio à floresta Amazônica, no km 08 da BR 174 (Manaus-Venezuela), com capacidade para receber aproximadamente três mil e quinhentos (3500) internos (as), e segundo dados estatísticos de 2019 coletados na SEAP - AM (Secretaria de Administração Penitenciária do Amazonas), mesmo após dois grandes massacres ocorridos em janeiro de 2018 e maio de 2019, em que 119 presos foram mortos, a população carcerária abriga em média 10.198,00 internos (as), ou seja, aproximadamente 136% acima da capacidade dos presídios no Amazonas.

Esses dados revelam a importância da Educação Libertadora na Prisão, e claro, fora dela. A reintegração é um processo que deve ocorrer também na sociedade, que muitas vezes enxerga um adulto em situação de cárcere, como um “lixo humano” e, portanto, não merece ter escola ou qualquer direito. O direito é garantido, se faz necessário cumpri-lo.

O projeto Arbítrio foi pioneiro nos presídios no Amazonas, mesmo enfrentando resistências do sistema governamental, perseguições e outras opressões. Levou para os teatros de Manaus e dentro das unidades prisionais, o Teatro Fórum² como questionamento sobre si e o mundo. Sementes foram plantadas, a *Árvore da Estética do Oprimido* foi base, e a Pedagogia do *Oprimido* e da *Autonomia* e a *Educação como Prática Libertadora* de Paulo Freire foram os eixos norteadores.

DIÁLOGOS SOBRE A ESCOLA E A PRISÃO: OPRESSÃO, LIBERTAÇÃO, AUTONOMIA E ESPERANÇA

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais (BRECHT, Bertolt)

² Boal denomina o Teatro Fórum como o coração da *Árvore*, tendo em vista que o Fórum permite a discussão real sobre problemas reais colocados em cena de forma teatral e representados de forma revezada entre plateia e atores, permitindo a participação efetiva da plateia na reflexão individual e coletiva, e na cena propriamente dita. O grupo de atores se reúne, detalha opressões sociais, discute entre si, elege uma opressão através dos votos, e que represente de forma mais geral uma opressão marcante. Sons, imagens, palavras, poesias, esculturas são experimentadas com o próprio corpo, formando uma estética. A cena pára, o espectador entra, substitui o oprimido da cena e pensa, todos pensam em novas possibilidades de amenizar ou parar aquela opressão.



O poema de Bertolt Brecht (1898-1956) traz uma crítica aos processos de alienação e falta de empatia, a ausência de vontade de ver o outro lado, de se recusar a pensar sobre nossas responsabilidades com o coletivo social. Para FREIRE (1967) e BOAL (1983) o verdadeiro sentido da alfabetização é aprender a escrever a sua própria história, é biografar-se, é reconhecer a si, ao seu passado, presente e futuro, saindo do lugar de ver de longe ou admirar, para decodificar, esmiuçar, refletir. Para Freire (2014) alfabetizar é conscientizar, e esta conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão e compromisso. Sem este compromisso nos tornamos o pior analfabeto, o político.

A educação sem questionamentos pode acabar sendo instrumento da opressão velada e pode nos levar a verdadeiras prisões, sejam elas físicas e/ou intelectuais. A narração repetitiva e a memorização de conteúdos podem potencializar a alienação e conseqüente ausência de leitura de si e do mundo, prejudicando processos de autonomia e construção de cidadania.

De acordo com Masschelein e Simons (2017) há um processo de consolidação de poder e corrupção no ambiente escolar, no sentido da ilusão de uma educação libertadora, e com diferentes formas de abuso de poder, facilitando mecanismos que motivam a desigualdade social, reproduzindo-as.

A acusação é bastante simples: a escola está a serviço do capital, e todo o resto é mito ou mentiras necessárias perpetradas [...]. O conhecimento é um bem econômico que a escola reproduz sem muita hesitação [...]. A escola é uma invenção do poder até o último detalhe. A divisão dos alunos em classes, o sistema de exame e, especialmente, o currículo, e os vários cursos de estudo e abordagens educacionais – tudo isso é um meio ou um instrumento para perpetuar o poder. (MASSHELEIN E SIMONS. p. 14 e 15, 2017).

Da primeira infância ao Ensino Médio somos colocados na escola para apreender conhecimentos, portanto, acredita-se que possamos ficar inteligentes, priorizando o intelecto e domando nossos instintos. Em muitos casos, o capital se coloca como base nos preparando para o chamado 'mercado de trabalho', podendo aos poucos também nos transformar em mercadorias.

Na prática dessa lógica mercadológica, entramos para a escola para adquirirmos algum conhecimento que nos dê um emprego, para que tenhamos talvez uma vida mediana, na luta constante por metas a serem batidas e acima de tudo para ter a certeza que este emprego possa pagar os boletos mensais, ou fazer com que acumulemos riquezas



e tenhamos status ou poder. É difícil assumir este papel, entretanto, é uma análise cada vez mais real e necessária. A escola, portanto, pode ser um campo de batalha, de luta por poder, mesmo que nas sutilezas das abordagens pedagógicas e aparentemente libertadoras.

Para Freire (2014), há uma enfermidade na narração escolar, que fala sem parar, sem reflexões e funciona como um depósito de conteúdos, um arquivo de dados sem assimilações, o que este denomina de “educação bancária”.

Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, Paulo. p. 81, 2014).

A criatividade acontece quando inseridos no processo do saber, criamos ou recriamos algo que nos leve a pensar de forma diferente ou de maneira reinventada. Ou seja, quando o ensino e aprendizagem nos causam um entusiasmo que toma conta do nosso ser, em que a vontade para saber mais se estabelece de forma fluida, quando respiramos atentamente e ao mesmo tempo livremente, enchendo a caixa torácica de oxigênio e expirando o alívio do saber. Eureka!³

Dessa forma, crescemos, nos sentimos seguros, repletos de autonomia e confiança, prontos para sermos mais leves, menos oprimidos ou opressores. A reflexão que se faz é: como fazer para nos sentirmos livres? Estamos presos aonde?

A prisão enquanto cárcere físico é um local onde indivíduos que não obedeceram a determinados padrões de comportamento, ferindo ou machucando o outro ou um coletivo, ficam isoladas, sem o direito de ir e vir dentro de um contexto social.

A prisão é um sistema fechado onde se internam pessoas que cometeram delitos, que são fiscalizados em todas as suas ações até a sua recuperação, como deseja a sociedade. Esse sistema fracassou exatamente pela ausência de ações libertárias ligadas à construção do homem/mulher preso (a) em direção ao homem/mulher cidadão. O sistema penal transforma o (a) preso (a) num corpo dócil e obediente que absorve a cultura do funcionamento institucional mostrando a sua ineficácia por ao estar em consonância com os princípios que estão na lei. (...) Portanto, não é a lei o problema da prisão, mas a prisão que não faz e nem respeita o que a lei prescreve [...] (FICHE, p.13, 2009)

³ Eureka é uma interjeição que significa “encontrei” ou “descobri”, exclamação que ficou famosa mundialmente por Arquimedes de Siracusa.



Fiche (2009) parece estar falando da Escola, porém, fala-se da Prisão. Neste ponto, encontramos similaridades inerentes aos dois ambientes: ausência de ações libertadoras, corpos dóceis e obedientes que absorvem a cultura do funcionamento institucional, amplamente ligado às hierarquias que potencializam relações de poder, como ressalta Foucault (2014).

Na escola, muitas vezes o professor (a) ou diretor (a) abusa de sua autoridade, praticando autoritarismo, inibindo processos criativos nos alunos (as); na prisão, isso é regra de comando dada pela direção, agentes penitenciários, e líderes de organização criminosas. Acredita-se que a disciplina corporal e mental, falseada pela necessidade de rotina, pode inibir processos de opressão, no entanto, essa disciplina, sem o seu real entendimento sobre o compromisso de consolidar relações humanas mais fluidas, é por isso só a própria opressão, reprimindo por completo uma educação libertadora.⁴

Esses aspectos específicos da rotina de uma unidade prisional, seja de regime fechado, provisório ou semi-aberto, foram refletidos durante quatro anos de “Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão”, como projeto de extensão do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, liderado por mim até o presente momento.

O TEATRO NA PRISÃO COMO EDUCAÇÃO LIBERTADORA: CONEXÃO AMAZÔNIA

O *Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão* inicia-se em 2015 quando também a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado do Amazonas (SEAP-AM) é criada para assumir as especificidades de reintegração e ressocialização do apenado, pois anteriormente essa e outras grandes funções ficavam a cargo da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (SEJUS). O cenário favorável à entrada do projeto Arbítrio, nos fez perceber de forma rápida, a necessidade do ensino aprendizagem dentro da Prisão, seja pelo ensino formal ou não formal. O teatro abarcou a tarefa do ensino não formal nas unidades, semanalmente entre 8h a 12h de atividades, entre prática e planejamento.

[...] boa parte dos detentos que encontramos tem a necessidade vital de adotar um outro referencial para as suas vidas que não seja o crime. É nesse momento que o Teatro na Prisão se propõe a despertar e oferecer uma nova perspectiva de vida para essas pessoas, porque, muitas vezes, a prisão pode ser entendida como uma antecipação da morte, ou seja, como um lugar no qual o preso deixa de ter projetos. (FICHE, p. 1).

⁴ Educação Libertadora: Termo usado por Paulo Freire (2014) para potencializar o real sentido da Educação, que é libertar para construir em coletivo.



O termo *educação não formal* surge a partir do final da década de sessenta, e segundo Garcia

A expressão *educação não formal* começa aparecer relacionada ao campo pedagógico concomitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico em que diferentes setores da sociedade (não só o pedagógico, como também o serviço social, área da saúde, cultura e outros) viam a escola e a família como impossibilitados de responder a todas as demandas sociais que lhe são impostas, delegada e desejadas. (GARCIA 2008, apud TRILLA 1996, p 01).

Este espaço não formal, localizado na prisão, é assim considerado pela prática de maior flexibilidade do ensino e relativização dos resultados, além da diferença da estrutura física em relação ao espaço formal de ensino, com salas de aula com cadeiras, mesas, quadros, cantinas, pátios para recreação em horários estabelecidos, professores uniformizados e etc.

Quando experimentamos esta estrutura nas aulas na prisão, configurando o espaço de ensino não formal, ou seja, ao sentarmos no chão, ao tirarmos os sapatos ou sandálias, ao deitarmos no chão para fazer alongamento, pelo fato de não usarmos uniformes e ser permitido na aula de teatro, que as internas (os) fossem com a roupa que gostariam, sem o uniforme da prisão, somente neste pequeno recorte, já podemos ressaltar, a importância e a potência do espaço não formal com a linguagem teatral, pois havia sempre uma explosão de alegria, uma leveza maior na condução das oficinas.

Minha meta era criar através do Teatro, um processo pedagógico através do qual eles pudessem se liberar subjetivamente de todo aquele sofrimento absurdo que o sistema penitenciário gera no preso comum. O sistema penitenciário, tal como existe na sociedade capitalista, principalmente aqui no Brasil, é extremamente cruel não só porque confina fisicamente o homem, sem que esse homem, no sentido de não lhe oferecer nenhuma possibilidade de racionalização da situação em que se encontra. Por isso, o alimento do preso é a fantasia, a revolta e a maconha. O preso vive disso (FREI BETTO apud COCILIO, 2008, p.39).

São oito (08) unidades prisionais na capital Manaus e dez (10) no interior do Estado do Amazonas. A maior parte dos internos se encontra na capital Manaus, segundo dados da SEAP-AM em 2019. São unidades de regime fechado e provisório, masculina e feminina, localizadas em meio à floresta Amazônica, no km 08 da BR 174 (Manaus- Venezuela), com capacidade para receber aproximadamente três mil e quinhentos (3500) internos (as), e segundo dados estatísticos de 2019 coletados na SEAP, mesmo após dois grandes massacres ocorridos em janeiro de 2018 e maio de 2019, em que 119 presos foram mortos,



a população carcerária abriga em média 10.198,00 internos (as), ou seja, aproximadamente 136% acima da capacidade dos presídios no Amazonas.

Esses dados revelam a importância da Educação Libertadora na Prisão, e claro, fora dela. A reintegração é um processo que deve ocorrer também na sociedade, que muitas vezes enxerga um adulto em situação de cárcere, como um “lixo humano” e, portanto, não merece ter escola ou qualquer direito. O direito é garantido, se faz necessário cumpri-lo.

Ora, sem escola, não há transformação, não há reeducação daqueles que nunca foram educados ou tiveram uma educação desde sempre opressora ou deturpada dos ideais dos processos pedagógicos. A Escola não é um depósito e nem a prisão, todos interagem com a sociedade em determinado momento, e essa interação dialógica pode ser fatal ou transformadora positivamente. Há esperança! Dessa forma, somente um método ativo, dialogal, participante poderia fazer a educação como prática libertadora: o diálogo com humildade.

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B, Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só diálogo comunica. E quando os dois pólos dialogam se ligam assim, com amor, esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, Paulo. P.107, 1967).

Na prisão enquanto cárcere físico, não há diálogo, há ordens autoritárias como regras metodológicas de vigilância e constante punição. Foi observado durante as oficinas e circulação entre os pavilhões, que não basta o apenado cumprir a pena em cárcere, como pressupõe o código penal, na prática regras também precisam humilhar e oprimir. Entretanto, tentativas de repensar esse processo foram feitas, uma das experiências libertadoras, foi convidar agentes penitenciárias para acompanhar os ensaios das internas no regime fechado e provisório.

Estas por sua vez, começaram a se identificar com os temas de opressão relacionados à maternidade, relacionamentos abusivos, violência doméstica, racismo e homofobia. O Teatro Fórum permitiu que elas também opinassem na cena, quando estas paravam para reflexão da plateia, e aos poucos o diálogo começou acontecer, processos de confiança e empatia. Corpos se dilatavam de ambas as partes, pois quando me coloco no lugar do outro, e sinto sua dor, não consigo mais julgá-lo. Mas o mal na prisão ainda existia.

Segundo Bauman (2004), o medo e o mal são irmãos siameses, pois o que é mau se teme. A pergunta que se motiva a partir das reflexões de Bauman é: o que é o mal? O



mal é aquilo que desafia e explode a inteligibilidade que torna o mundo suportável. Pode-se dizer o que é crime, porque há um código jurídico infringido pelo ato criminoso. Sabe-se também o que é pecado, porque há uma lista de mandamentos. Mas o mal não está regulamentado em lugar algum. Recorre-se à ideia de mal quando não se pode apontar que regra foi quebrada. Alguns filósofos, segundo o autor, relegam o mal ao espaço obscuro, ao desconhecido, ao incognoscível, um espaço que se esquia à investigação, pois o mal tende a ser invocado quando se insiste em explicar o inexplicável. O autor também retrata a emoção e a razão para explicar a banalidade do mal:

As emoções são muitas e falam línguas diferentes, às vezes discordantes; a razão é uma só e tem apenas uma língua. O que distingue o mal burocraticamente administrado e realizado não é tanto a sua banalidade, mas a sua racionalidade. (BAUMAN, 2004, p. 85).

Em meio ao mal, existe o belo, processos sensíveis e uma estética inerente. Existem sensibilidades, que quebram os paradigmas da racionalidade e a banalidade. Na prisão física e intelectual, o cárcere está intimamente relacionado ao poder, pela busca dele, no fundo, pela necessidade de reconhecimento, pela necessidade de fé em si e no outro.

A Estética não é a ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade menos antropofágica (disse um filósofo que somos porcos-espinhos gregários: necessitamos ficar juntos, aconchegados, mas ao fazê-lo, nós nos espetamos [...]). Belo não é só o que nos alegra e agrada, mas também o que nos assusta e consterna, como a beleza de uma catástrofe natural, como um tsunami, ou a bomba atômica, que explode em cogumelo. (BOAL, 2009, p. 31).

Para Augusto Boal (2009), o belo está na coisa e no olhar. Nem todos os olhares veem a mesma coisa. E o dono do olhar é um indivíduo-cidadão que vive em sociedade de classes, isto é, em uma sociedade de opressões. E o olhar puro não existe, pontua o autor, já que é impossível se desfazer da carga social e cultural impregnada no corpo e no ato de pensar e agir, esta carga é o filtro através do qual se vê o mundo. Potencializá-lo ou não, faz parte de uma escolha, pois tudo pode ser mudado, depende de como se vê e como se sente o mundo dentro de si e ao seu redor. Dessa maneira, com a mudança de mentalidade e o experimento de novas possibilidades, é possível ver o mundo de outras formas, como verdadeiros cidadãos que detêm o poder dos direitos e deveres em sua sociedade.

Para que se compreenda bem esta Poética do Oprimido, deve-se ter sempre presente seu principal objetivo: transformar o povo, “espectador”, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformação da ação



dramática. Espero que as diferenças fiquem bem claras: Aristóteles propõe uma Poética em que os espectadores delegam poderes ao personagem para que este atue e pense em seu lugar; Brecht propõe uma Poética em que o espectador delega poderes ao personagem para que este atue em seu lugar, mas se reserva o direito de pensar por si mesmo, muitas vezes em oposição ao personagem. No primeiro caso, produz-se uma “catarse”; no segundo, uma “conscientização”. O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! [...] O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la. (BOAL, 1983, p. 138-139).

Para o Teatro do Oprimido, o foco se encontra no ser humano oprimido, humilhado, proibido e excluído por alguma razão social e coletiva. Este método considera que todo o ser humano é um ser artista, e o objetivo é motivá-lo a desenvolver o pensamento sensível – criador de arte e cultura - e o pensamento simbólico – referente à expressão das palavras. A luta contra todas as formas de opressão em todos os segmentos sociais é a filosofia e a política do método Teatro do Oprimido: “O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect-atores” (BOAL, 2005, p. IX).

A teoria sobre a estética do oprimido que Boal elabora e sistematiza em uma obra com esse mesmo nome inicia-se com a reflexão de que se está imerso em uma multiplicidade cultural e uma sociedade espetacularizada. Esta é repleta de diversidade de procedimentos que imprimem um tom ficcional ao cotidiano, expondo a um turbilhão de informações que se renovam a cada minuto. Sendo assim, não há como existir uma estética válida para todos, portanto, existem várias. E estas devem ser consideradas, na medida em que se pensa que galgar um pensamento artístico único e legitimá-lo como certo torna o homem, de fato, opressor.

No Brasil, que desde a colonização até o período pós-ditadura militar demonstra significativos dados em relação às taxas de analfabetismo, as opressões continuam, com uma nova roupagem. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram identificados 13,2 milhões de pessoas que não sabiam ler nem escrever, o equivalente a 8,7% da população total com 15 anos ou mais de idade. E o mais lamentável ainda são os analfabetos por alienação, que não sabem falar, ver e nem ouvir, ou seja, que estão em processo constante de cegueira, surdez e mudez estética.

A prisão no Amazonas, é um lugar de intenso analfabetismo e exclusão por racismo. Foi verificado que os (as) participantes das oficinas, aproximadamente 110 pessoas distribuídas nas unidades visitadas semanalmente, não se reconhecem como negros (as) ou indígenas. Homens e mulheres brancas não tinham histórias de abuso sexual ou de poder nas delegacias ou dentro das prisões, como ocorria de forma freqüente com os



negros e indígenas. Esta experiência com diálogo após a cena, foi um choque para eles e elas, houve silêncio, pausas, e reconhecimento de si.

Para Boal (2009), as ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, e estas ideias penetram pelos canais estéticos da palavra, som e imagem.

O autor destaca que, entre os humanos, a luta pela sobrevivência é quase animalésca. Luta-se por tudo, por todos os níveis de espaço (intelectual, físico, amoroso, histórico, geográfico, social, político) e o antídoto para esta luta desleal é a utilização do que ele denomina Ética da Solidariedade. Para se compreender esta ética, Boal analisa em suas obras a necessidade de se constatar a finalidade de todos os seres humanos enquanto artistas-cidadãos. Portanto, a arte é linguagem política e social, e na medida em que se toma posse de suas possibilidades, podemos sair do lugar de oprimido, denunciar os opressores e mudar, ao menos de forma particular a vivência no universo em que nos encontramos. “A arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar [...] Cidadão não é aquele que vive em sociedade, é aquele que a transforma. (BOAL, 2009, p. 22)

Neste sentido, Boal esclarece que a Estética se encontra no âmbito da relação direta entre sujeito-objeto, isto é, a beleza de alguém não está em seu corpo ou no seu discurso, mas nos olhos de quem a percebe e a sente. A capacidade deste sujeito que percebe algo e julga, é composta por seu conhecimento histórico de si mesmo e do mundo em que se encontra. Trata-se de uma sensação rica e complexa, pois o mesmo objeto, quando olhado por sujeitos diferentes, terá percepções diferentes.

Para o autor, coexistem em cada indivíduo na sua percepção de mundo o pensamento sensível e o pensamento simbólico, alimentados pelo conhecimento sensível e simbólico. O conhecimento reside no cérebro físico, que muitas vezes pode estar atrofiado. Os dois pensamentos unidos e conectados podem despertar ou adormecer as redes de neurônios em múltiplas áreas do cérebro e suas ligações sinápticas, inter-relacionando memórias, ideias, sensações e emoções.

Para Boal (2009), conhecer é o ato de obter informações, recebê-las. Pensar é organizar o conhecimento e transformá-lo em ação. O conhecimento oferece opções, o pensamento inventa e escolhe, um põe, o outro dispõe. Palavras ao vento não deixam registros, mas palavras vivenciadas, como, por exemplo, na sensação de dores repetidas ou intensos prazeres, deixam muitos registros. Frases reiteradas deixam a sua marca, imagens revisitadas, sua prensa, sons ecoam. Conhecimento é memória ativa. Pensamento é ação. (cf. BOAL, 2009, p. 29).



Boal (2009) desenvolve sua estética refletindo sobre coisas aparentemente lógicas e óbvias, mas elucida que estas não o são para a maioria, que não tem consciência de seu próprio poder, e por conta disso, continua em situações de opressão. Por isso, ele destaca que consciência é a reflexão do sujeito sobre si próprio e sobre o significado dos seus atos. Quando se tem consciência de algo, desenvolve-se o intelecto, o qual é a contínua organização de sensações, emoções e ideias, memórias e imaginações que interagem na mente e se transformam em fala, que é uma modalidade de ação. Ou podem se transformar em som ou imagem, outras modalidades de ação para a transformação. Dessa forma, ele conclui no primeiro momento que este intelecto é o pensamento simbólico.

O Pensamento Sensível inventa as palavras e as palavras constroem o Pensamento Simbólico. O Pensamento Sensível é veloz quando sente, degusta, cheira, vê e ouve, isto é, é instantâneo, e o Simbólico é lento, pois vai decodificar o sensível e formar conjuntos: “mar, mal, amor, sal, açúcar, vinagre, política, esquerda, direita”. (BOAL, 2009, p. 93).

CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

Para se ter acesso ao pensamento Simbólico, faz-se necessário compreender que estas organizações não são inerentes aos artistas enquanto gênios enclausurados em seus gabinetes na composição de sua obra de arte. Todos são artistas-cidadãos. Compreender o mundo e a realidade é inerente a todos. De acordo com Boal, é preciso motivar os demais a este conhecimento. Assim sendo, a Estética não é a ciência do Belo, mas sim a ciência do diálogo sensorial e da sensibilidade, é a organização sensível do turbilhão em que se está imerso. Belo não é só o que agrada e regozija, mas também o que assusta ou constrange, como a beleza de uma catástrofe natural, por exemplo.

Neste patamar de conflitos, busca-se acima de tudo a verdade da democracia, mesmo que parte dela. Culturas são campos de batalhas, são pluriculturais, ou impuras. Toda cultura é dialética e se move, é democrática. Neste contexto, Boal pontua que a verdade de uma possível democracia é a livre manifestação do pensamento e a compreensão das necessidades individuais e coletivas, além de um debate transparente entre os oprimidos, seguida de ações concretas e reais, pois não basta se conscientizar, a ação é fundamental. A verdade suprema para Boal e Freire é o avanço social em direção a uma sociedade sem oprimidos e sem opressores, em todos os campos da vida humana: política, social, familiar e todas mais que possam existir. Não se pode lutar contra as opressões e continuar sendo opressor.



Se tentar alcançar essa sociedade é uma utopia, não importa: avançar em sua direção não é utópico, é uma opção ética. Assim é a vida, melhor do que ficar parado, passivo, vendo a carruagem passar, pois que isso enferruja as pernas e o pensamento. [...] É necessário tomar partido, e se formos éticos, este partido será sempre o dos oprimidos. (BOAL, 2009, p. 34-35).

A Ética da Solidariedade é uma sociedade sem opressão repressão e depressão, na medida em que os indivíduos compreendem melhor uns aos outros. Em uma sociedade na qual se presenciam cotidianamente as misérias humanas, da pobreza material à pobreza moral ou espiritual, e a insistência do instinto predatório, que mata, humilha, oprime, em nome do poder, da sobrevivência, ou da ambição, a única coisa que urge nesses tempos é a solidariedade. Para Boal, moral é o que é, e ética é o que se deseja que seja; moral obedece, ética se inventa. A ética toma partido do livre arbítrio para enxergar o sol da manhã, como, de forma poética, destaca o autor (2009, p. 185). Neste aspecto, Aristóteles o inspira.

Ética é o caminho por onde se pretende chegar ao sonho de humanizar a humanidade. A ética repugna a persistência do instinto predatório em sociedades humanas, cujos resíduos selvagens ainda existem em nós. Contra o aspecto predatório animal do ser humano, a ética busca criar relações solidárias. (ARISTÓTELES *apud* BOAL, p. 39).

O instinto predatório parece ser inerente ao cárcere físico superlotado. Palco de massacres horrendos, e especialmente no Amazonas, as prisões superlotadas motivaram nos anos de 2017 e 2019, 02 grandes rebeliões, com a divulgação oficial da motivação ser a briga entre facções criminosas. A luta entre elas de fato existe, mas é a ausência da educação libertadora, de processos de autonomia e empoderamento que são as verdadeiras causas dos massacres.

A Estética do Oprimido, portanto, é uma proposta que propõe ajudar os oprimidos a descobrir a artes descobrindo a sua arte; nela, descobrindo-se a si mesmos; a descobrir o mundo, descobrindo o seu mundo; nele se descobrindo. [...] O desenvolvimento do Teatro do Oprimido no mundo suscita dois problemas essenciais: identidade e legitimidade. (BOAL, 2009, p. 170).

Há esperança pela Educação e pela Liberdade que ela motiva, se houver luta efetiva pela implementação da compreensão de processos sensíveis e simbólicos na Escola, na Prisão e na vida. Conquistar autonomia e legitimar nossas identidades, exige compromisso, respeito, ética, reconhecimento dos erros e acertos, humildade, curiosidade, escuta sensível e diálogo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Teatro Hoje)

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913- 1956**. São Paulo: Editora 34, 2000.

FICHE, Natália Ribeiro. **Teatro na Prisão: Trajetórias Individuais e perspectivas coletivas**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Unirio-RJ. Rio de Janeiro, 2009.

FOCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática Libertadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MASSCHELEIN, Jan. MAARTEN, Simons. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Artigo recebido em: 11 de novembro de 2020.

Aceito para publicação em: 02 de dezembro de 2020.

Manuscript received on: November 11, 2020

Accepted for publication on: December 02, 2020

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

